

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

**CAMPUS DE BACABAL**

**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-SOCIOLOGIA**

**RAIMUNDO RODRIGUES DOS SANTOS**

**A TRIBO REGUEIRA DE BACABAL: O ESTABELECIMENTO DE UMA  
COMUNIDADE EMOCIONAL**

**Bacabal - MA**

**2020**

**RAIMUNDO RODRIGUES DOS SANTOS**

**A TRIBO REGUEIRA DE BACABAL: O ESTABELECIMENTO DE UMA  
COMUNIDADE EMOCIONAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Braga Neto

Bacabal - MA

2020

**RAIMUNDO RODRIGUES DOS SANTOS**

**A TRIBO REGUEIRA DE BACABAL: O ESTABELECIMENTO DE UMA  
COMUNIDADE EMOCIONAL**

Monografia de Conclusão de Curso,  
apresentada à Coordenadoria do Curso  
de Ciências Humanas da Universidade  
Federal do Maranhão, como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de  
Licenciado em Licenciatura em Ciências  
Humanas com habilitação em Sociologia.  
Orientador: Prof. Dr. Edgar Braga Neto

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientador**

---

**1º Examinador**

---

**2º Examinador**

Dedico esta monografia a meu pai Paulo e minha mãe Osmarina, exemplos de força e perseverança, a minha avó Rosa (em memória), um exemplo de força e coragem, que batalhou para criar seus oito filhos, e a meu avô Bernardo, que completará seus 90 anos em 2021.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, porque se não fosse ele, não estaria hoje concluindo esse trabalho.

Ao professor Edgar Braga Neto, que aceitou o desafio de me orientar e não mediu esforços para me ajudar a realizar um sonho.

À minha irmã Ana Daniele, que tanto contribuiu com seus ensinamentos.

Aos meus irmãos Paulo Roberto, Francisco Diego e João Paulo, que acreditaram que eu também seria capaz de concluir o curso e me formar em uma Universidade Federal.

Agradeço principalmente a meu pai, Antônio Paulo, e minha mãe, Osmarina Rodrigues, que tanto sonharam e batalharam para ver os filhos formados e hoje isso se tornou uma realidade, sendo uma graça divina recebida por todos.

À minha esposa Elines, que esteve ao meu lado nessa longa jornada enquanto estive no curso.

Aos meus amigos que contribuíram direta e indiretamente na realização do meu trabalho.

Enfim, a todos que acreditaram na minha conquista e no meu sucesso.

Emancipate yourselves from mental slavery  
(Libertem-se da escravidão mental)  
None but ourselves can free our minds  
(Ninguém além de nós mesmos pode libertar  
nossas mentes)  
REDEMPTION SONG. Bob Marley. 1980. 1 CD

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar a expansão do reggae em Bacabal, através do estabelecimento da tribo regueira na cidade. Em Bacabal, o ritmo jamaicano foi recebido de forma negativa por parte da população, que associava o reggae a drogas e a confusões. Mas com a formação de uma comunidade emocional em torno do reggae, percebemos uma transformação em relação à imagem das festas de reggae e dos regueiros. Os estigmas continuam existindo, mas já não operam com a força que tinham na década de 80. Isso se deve à união dos amantes do reggae, que foram ocupando importantes espaços sociais da cidade, tais como: Exposição Agropecuária de Bacabal (EXPOABA), clubes, casas de show, carnaval, programas de rádio e televisão etc. Criaram assim uma “aura estética” na cidade, anulando os estigmas e formando uma nova agregação social. A tribo regueira de Bacabal conta hoje com um número expressivo de bacabalenses, de diversas classes sociais, credos e ideologias, que tem como intuito apenas ouvir, cantar e dançar a música reggae, de viver o presente coletivamente, sem reconhecer-se em qualquer projeto político. Este trabalho busca demonstrar os efeitos do estar-junto dessa tribo, fazendo um diálogo entre Goffman e Maffesoli. Além disso, podemos contar com o arquivo particular do DJ e produtor musical Edmarley, que também é responsável por essa transformação de sentidos em torno do reggae na cidade de Bacabal.

**Palavras-chave:** Reggae. Bacabal. Estigmas. Tribo.

## **ABSTRACT**

This research aims to demonstrate the expansion of reggae in Bacabal, through the establishment of the reggae tribe in the city. In Bacabal, the Jamaican rhythm was negatively received by the population, who associated reggae with drugs and confusion. But with the formation of an emotional community around reggae, we noticed a transformation in relation to the image of reggae parties and lovers of reggae. Stigmas still exist, but they no longer operate with the strength they had in the 1980s. This is due to the union of lovers of reggae, who have been occupying important social spaces in the city, such as: Agricultural Exhibition of Bacabal (EXPOABA), clubs, concert halls, carnival, radio and television programs etc. Thus, they created an aesthetic aura in the city, canceling out the stigmas and forming a new social aggregation. The reggae tribe of Bacabal today has an expressive number of bacabalenses, from different social classes, creeds and ideologies, whose purpose is just to listen, sing and dance to reggae music, to live the present collectively, without recognizing themselves in any project political. This work seeks to demonstrate the effects of being together with this tribe, making a dialogue between Goffman and Maffesoli. Moreover, we can count on the private archive of DJ and music producer Edmarley, who is also responsible for this transformation of meanings around reggae in the city of Bacabal.

**Keywords:** Reggae. Bacabal. Stigmas. Tribe.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Delimitando o campo investigativo: a tribo regueira em questão.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Percursos metodológicos.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 A dinâmica expositiva na construção da monografia.....</b>	<b>17</b>
<b>2 A SOCIOGÊNESE DA MÚSICA REGGAE.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 A contribuição da religião rastafári.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 O reggae na estrada.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3 Os grandes festivais de reggae.....</b>	<b>25</b>
<b>3 A COMUNIDADE EMOCIONAL DO REGGAE EM BACABAL.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 EXPOABA.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 Os clubes de reggae.....</b>	<b>34</b>
<b>3.3 DJ's e Radiolas.....</b>	<b>37</b>
<b>3.4 O bloco estação do Reggae.....</b>	<b>38</b>
<b>3.5 Grupos de reggae.....</b>	<b>39</b>
<b>3.6 Resenha Roots.....</b>	<b>41</b>
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar a ambiência emocional que emana do desenvolvimento da tribo regueira de Bacabal e que foi capaz de uma transformação de sentidos acerca do reggae e dos regueiros na cidade. Enquanto, na década de 80, as festas de reggae e seus participantes eram estigmatizados como marginais, nos anos 2000, percebemos a construção de uma imagem positiva acerca deles, a qual suplanta os estigmas. Isso se deve à formação de uma tribo, de um microgrupo, no sentido dado por Maffesoli (2018), que foi capaz de marcar a paisagem urbana de Bacabal com as cores do reggae. Fazendo parte da tribo regueira da cidade, buscamos analisar essa sensibilidade coletiva em torno do ritmo jamaicano, mostrando a importância dessa agregação social para a aceitação social de tal ritmo na sociedade bacabalense.

Ao longo dos estudos e entrevistas realizados, observamos que o movimento reggae e seus amantes eram classificados de forma negativa. Isso porque eles eram associados à cultura negra, ou seja, “coisa de favelado”, “produto do gueto”, resultante, pois, do racismo estrutural de nossa sociedade<sup>1</sup>. Assim quem frequentava as radiolas, ou as festas de reggae, era marginal ou queria sê-lo. Em Bacabal não foi diferente, pois as brigas e confusões eram logo associadas às festas de reggae, estigmatizando o ritmo e seus adeptos. Porém, essa associação negativa deve ser hoje relativizada, pois o ritmo tem conquistado diversos espaços sociais, tornando-se o favorito dentre as mais diversas classes da sociedade.

Antes de chegar à cidade de Bacabal, o reggae, que nasceu nas favelas de Kingston na Jamaica, já tinha conquistado São Luís de tal maneira, que a capital do Maranhão é identificada hoje como a “capital brasileira do reggae”. Em Bacabal,

---

<sup>1</sup> “[O Brasil] é um país que gosta de se definir a partir da mestiçagem e da inclusão cultural – presente nos ritmos, nos esportes ou na sua culinária misturada – mas desenvolve um racismo dissimulado, cuja prática inclui o ato de delegar à polícia o papel de performar a discriminação”. (SCHWARCZ, 2019, p. 178)

Em outro livro, a autora, juntamente com a historiadora Heloisa M. Starling, falam assim das permanências do tempo da escravidão na sociedade brasileira: “[...] permanece uma divisão guardada em silêncio por um vocabulário que transforma cor em marcador social de diferença, reificado todos os dias pelas ações da polícia, que aborda muito mais negros do que brancos e nele dá flagrantes. [...] Diante da força policial, não raro os indivíduos assumem um lugar que corriqueiramente optariam por rejeitar. [...] Não basta ser inocente para ser considerado e se considerar culpado. [...] Se na época da escravidão indivíduos negros trafegando soltos eram presos “por suspeita de escravos”, hoje são detidos com base em outras alegações que lhes devolvem sempre o mesmo passado e origem”. (SCHWARCZ e STARLING, 2018, p. 92-93)

o ritmo se espalhou por toda a sociedade, graças à formação de um grupo de amantes do ritmo jamaicano (“a tribo regueira local”) que, através de festas, grupos de dança, blocos de carnaval, comemoração de datas festivas etc., foi estabelecendo-se, angariando mais adeptos, e consolidando uma estética reggae na cidade. Apesar de tal feito ser resultado da atuação de um grupo, destacamos o protagonismo do seu líder, colaborador e simpatizante, Edmilson Frazão dos Santos, mais conhecido por Edmarley, cuja trajetória foi marcada pelo preconceito devido ao seu visual (o uso de dreadlocks), às suas origens sociais e às festas de reggae, que eram estigmatizadas pela sociedade bacabalense.

Atualmente, podemos dizer que a tribo regueira de Bacabal consolidou a cultura reggae na cidade em diversos locais de entretenimento, tais como clubes, radiolas, programas de rádio e de televisão. Assim podemos afirmar que, ao fazer a história do movimento reggae em Bacabal, percebemos uma transformação de sentidos no tocante ao ritmo e a seus adeptos: se no início o reggae e os regueiros eram estigmatizados, atualmente podemos dizer que eles têm conquistado espaços importantes da cidade, galgando posições sociais, mesmo com os estigmas do passado e graças à tribo regueira. Assim essa tribo está dividida em vários microgrupos<sup>2</sup>. Nessa monografia, vamos nos deter somente em um grupo específico: Resenha Roots.

### **1.1 Delimitando o campo investigativo: a tribo regueira em questão**

Edmarley ingressou no movimento reggae na década de 80. Jovem, ele relata que sua afinidade pelo ritmo ocorreu ainda na infância<sup>3</sup>. Na época, frequentemente acompanhava o seu pai nos eventos voltados ao ritmo, pois seu pai trabalhava como garçom e porteiro em vários clubes da cidade de Bacabal. Dentre

---

<sup>2</sup> De acordo com Maffesoli (2018, p. 10), tribos ou microgrupos significam: “Trata-se da tensão fundadora que me parece caracterizar a socialidade deste fim de século. A massa, ou o povo, diferentemente do proletariado ou de outras classes, não se apoiam em uma lógica da identidade. Sem um fim preciso, eles não são os sujeitos de uma história em marcha. A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (*persona*) é chamada a representar dentro dela. Está claro que, como as massas em permanente agitação, as tribos que nelas se cristalizam tampouco são estáveis. As pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para outra”.

<sup>3</sup> As entrevistas realizadas com Edmarley ocorrem durante o ano de 2019. Em sua maioria, as entrevistas não eram formais: elas se davam mais em tom de conversa informal.

os quais, permaneceu por um tempo considerável no clube Roda Gira, nos chamados “Domingos Alegres”, cujas festas se iniciavam durante o dia e se estendiam à noite. Nessa ocasião, Edmarley, ainda menor de idade, permanecia no local até determinado horário estabelecido pelas autoridades policiais.

Ainda na década de 80, foram inaugurados mais estabelecimentos voltados ao movimento reggae. Seu pai continuou a ser requisitado a prestar serviços em outros locais de eventos, como o clube do Zé Raimundo, no Bairro da Areia e o clube Roda Gira, na rua do Cajueiro, também conhecida como rua Jorge José de Mendonça. Sempre acompanhando os eventos, e, quando não era possível seu pai estar presente, Edmarley ficava na companhia do segurança das festas (policiais que faziam esse trabalho nas horas vagas), e que se tornava assim responsável por Edmarley na ausência de seu pai.

Nos anos de 1983 e 1984, havia na cidade de Bacabal a Exposição Agropecuária de Bacabal (EXPOABA), o evento gerava renda e trazia diversão à cidade. Além disso, movimentava vários segmentos do comércio e do entretenimento bacabalense. Junto aos demais clubes, ao final da rua da Exposição, instalou-se “O Clubão do Carne Seca”, de propriedade do “senhor Carne Seca”, nome pelo qual era conhecido o dono do clube e da radiola vinda da capital São Luís. O clube era voltado exclusivamente ao movimento reggae, e nesse clube o pai de Edmarley também trabalhava como garçom. Foi então que Edmarley teve a oportunidade de conhecer o proprietário do clube e da radiola que era dirigida pelo disco-jóquei (DJ) e maestro “Cabeludo”, como era chamado no meio regueiro. Além do clube Carne seca, seu pai trabalhou com o Castelo do Som, outro clube e radiola de reggae em São Luís. No ano seguinte, ele começou a trabalhar no Cassino da Urca, vindo a se tornar o maior clube na cidade de Bacabal e que, posteriormente, viria a ser extinto.

Nessa época, segundo relata Edmarley, era comum a ocorrência de desentendimentos e tumultos nos arredores dos clubes, assim como em quaisquer outros espaços destinados às festas. Todavia, a sociedade bacabalense passou então a associá-los aos frequentadores apreciadores do ritmo, estigmatizando tais lugares como ambientes propícios à manifestação de confusão e desordem,

rotulando os frequentadores de baderneiros, criando uma imagem negativa desses espaços.

O regueiro passou a ser visto em Bacabal com despreço. Criou-se então um estigma. Quem era visto entrando ou saindo das festas de reggae, quem carregava uma pulseirinha com as cores do reggae, quem vestia uma camisa que tivesse a imagem de Bob Marley, quem ouvia a música jamaicana em seu carro ou residência, quem usava os dreadlocks, todos os indivíduos que apresentassem símbolos de estigma ligados à música reggae eram vistos como baderneiros, maconheiros e desacreditados<sup>4</sup>.

Nos anos 90, Edmarley começou a desenvolver um trabalho de conscientização sobre o movimento reggae e seus participantes, fazendo eventos relacionados ao reggae que chamassem a atenção da sociedade bacabalense. Iniciou com “A primeira noite do tempo jamaicano” em 1996. O evento foi filmado, tinha sua marca padronizada, camisas personalizadas, simbolizando as cores do movimento reggae. Desde então passou a atuar na organização e na produção de festas realizadas com radiolas vindas de São Luís. Intermediou a realização de grandes shows em Bacabal, como, por exemplo, o do grande cantor de reggae jamaicano Owen Gray, com a participação de Bill Campbell, Banda Legenda, Radiola Black Power e a Radiola Itamaraty.

Entre os anos 2000 e 2003, os clubes se tornaram bastante frequentados após a divulgação do ritmo na localidade. As festas passaram a ser realizadas não só na EXPOABA, mas também em clubes alugados, tais como: radiola FM do Clubão, Black Power, Companhia do Som, Estrela do Som etc.

Além disso, Edmarley, como experiente DJ, e de posse de grande acervo de músicas ligadas ao ritmo, idealizou e desenvolveu o projeto “Estação do Reggae”, programa formatado para a televisão, que ele apresenta há 15 anos aos sábados na TV Mearim (tevê local).

---

<sup>4</sup> Essa reflexão resulta da movimentação de nossos dados empíricos, através da teoria de Goffman sobre o estigma: “O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: Assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é conhecida pelos presentes nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está-se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a do desacreditável. Esta é uma diferença importante, mesmo que um indivíduo estigmatizado em particular tenha, provavelmente, experimentado ambas as situações”. (GOFFMAN, 2008, p. 14)

Dando continuidade ao seu trabalho de conscientização e já tendo lançado o programa Estação do Reggae na TV, também fundou um bloco (com até 800 componentes) a fim de competir no carnaval da cidade. Tal bloco teve duração de 13 anos, mas por falta de verbas de custeio e o descaso do poder público municipal o bloco não existe mais. Apesar das dificuldades financeiras, ainda conquistou os prêmios de segundo, terceiro e quarto lugares no carnaval, fato esse de grande importância para o movimento reggae em Bacabal.

A história de Edmarley assim se confunde com a história do reggae em Bacabal. Agora ele não é o único responsável pelo sucesso do reggae na cidade maranhense, muitas pessoas, tal como ele, também amantes do reggae, passaram a se reunir periodicamente para ouvir a reggae music. Elas assim foram aos poucos formando vários microgrupos de amantes do ritmo jamaicano, que formam a grande tribo regueira de Bacabal. Juntas, elas não se diferenciavam mais na paisagem urbana de Bacabal. Estava assim constituída a ambiência emocional em torno do reggae que, como afirma Maffesoli (2018, p. 19), emana do desenvolvimento tribal:

Fragilidade da distinção, às vezes mesmo indistinção entre eu e o outro, entre o sujeito e o objeto, eis algo que se presta à reflexão. A ideia da extensibilidade do eu (“um ego relativo e extensível”) pode ser uma alavanca metodológica das mais pertinentes para a compreensão do mundo contemporâneo. Não vale a pena lembrar a fascinação que o Japão exerce hoje em dia, nem mesmo fazer referência à sua performatividade econômica ou tecnológica, para sublinhar o fato de que, se a distinção é, talvez, uma noção que se aplica à modernidade, por outro lado, ela é totalmente inadequada para descrever as diversas formas de agregação social que vêm à luz.

Assim a agregação social em torno do reggae, ou melhor, o estabelecimento da tribo regueira, é responsável pela mudança de sentido em relação às festas de reggae e aos regueiros. Assim o reggae em Bacabal encontra-se num período empático, no qual pessoas de diferentes classes e status sociais resolvem perder-se num sujeito coletivo, a celebrar o “deus Bob Marley”.

## **1.2 Percursos metodológicos**

Partimos, primeiramente, para a movimentação da teoria dos estigmas de Goffman (2008), pois havia certos estigmas referentes à festa reggae na cidade de

Bacabal. Tais reuniões eram conhecidas, na década de 80, como “espaços de desordem”, porque existiam brigas e desentendimentos em seu entorno, ou seja, confusão entre os participantes da festa. Assim pequenas badernas, que são comuns em diferentes tipos de celebração, cristalizaram uma imagem negativa sobre o reggae e os regueiros da cidade. A cultura afro-diaspórica que surgia de Trenchtown para o mundo era então mal conceituada pela sociedade bacabalense.

Todavia, percebemos que continuar com o Goffman como principal referência teórica traria sérios limites ao trabalho, não condizendo com o que tem acontecido em Bacabal. Apesar do estigma sobre os eventos de reggae e seus brincantes continuarem existindo, há uma tribo regueira estabelecida na cidade, que, em termos numéricos, não é nada desprezível; que tem levado o ritmo a diferentes espaços da cidade, tais como televisão, rádio, bares, casas de espetáculos, clubes, praças etc.; e que, embora seja classificada de forma negativa por causa de sua estética, conseguiu instituir o reggae como um importante nicho no setor de entretenimento da cidade. Sem falar no bloco “Estação do Reggae” que já ganhou o segundo lugar no carnaval de Bacabal.

Nesse sentido o indivíduo, amante do reggae, não precisava mais ocultar sua preferência pelo ritmo jamaicano na cidade. Não precisava mais tirar a pulseirinha com as cores do reggae no local de trabalho. Não precisava evitar que alguém o visse entrando numa festa de reggae. Não precisava mais esconder da namorada o *pendrive* de reggae, colocando no seu lugar músicas sertanejas (guiado pela indústria cultural), isto é: fazer uso de “desidentificadores” para encobrir sua identidade virtual<sup>5</sup>. Ele agora poderia andar com uma camisa do Peter Tosh por toda a cidade. Ele não precisava mais manipular sua identidade<sup>6</sup>. Porque, tal como ele,

---

<sup>5</sup> Em relação à indústria cultural, Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que tal indústria realizou maldosamente o homem como ser genérico: ele é fungível, um mero exemplar, o puro nada. Nessa mesma linha de pensamento, Saad e Braga Neto (2020, p. 70) dizem que os “governos neoliberais submetem os órgãos públicos de cultura aos conteúdos e padrões definidos pela indústria cultural e seu mercado, desestimulando assim a criação cultural não vinculada a interesses mercadológicos”. Tal desprezo pela cultura ocorre também nas cidades governadas por oligarquias, como é o caso de Bacabal, fazendo com que essa indústria domine os espaços públicos destinados à cultura na cidade.

<sup>6</sup> Tradicionalmente, a questão do encobrimento levantou o problema da “visibilidade” de um estigma particular, ou seja, até que ponto o estigma está adaptado para fornecer meios de comunicar que um indivíduo o possui. [...] A visibilidade é, obviamente, um fator crucial. O que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo em sua rotina diária e por todas as pessoas que ele encontra nela será de grande importância para ele. As consequências de uma apresentação compulsória em

existiam centenas de pessoas que decidiram se unir para “cultuar o reggae”. A sua fraqueza individual era compensada pela força do grupo.

Portanto, precisávamos buscar outra alavanca metodológica para abordar tais questões. E assim, chegamos ao *Tempo das tribos*, de Maffesoli (2018). A realidade na qual se encontra o reggae na cidade fez deslocarmos o foco do estigma para a dinâmica da tribo regueira. A investigação busca agora a socialidade (“o novo *ethos*”, “o espírito do tempo”, “as solidariedades”, “as formas lúdicas de socialização”) produzida por esse grupo. Foi, através dos amantes do reggae, que percebemos o crescimento do “grupismo” em Bacabal. Dessa forma, o que importa é o estar-junto dessa tribo e as obras e eventos que ela produz. Ou seja, a sensibilidade coletiva, ou o que Maffesoli chama de “*aura* estética”, é o que realmente importa nesta monografia<sup>7</sup>. Não queremos abandonar a teoria do estigma de Goffman, mas sim fazer o diálogo entre Goffman e Maffesoli, por intermédio da tribo regueira de Bacabal.

Sendo assim, fizemos entrevistas formais e informais com os integrantes da tribo, sobretudo com seu “Papa” (pajé), Edmarley. Fazendo uso da observação participante, acompanhamos inúmeras festas de reggae que acontecem em diversos pontos da cidade e os programas de rádio e televisão destinados ao gênero musical. Além disso, a consulta ao arquivo de Edmarley foi muito relevante para a descrição dessa “comunidade emocional”, que está na avenida Beira Rio na noite de sexta-feira, na TV Mearim no sábado de manhã, no Bairro da Areia no domingo à noite, ou seja, na paisagem urbana de Bacabal.

---

público serão pequenas em contatos particulares, mas em cada contato haverá algumas consequências que, tomadas em conjunto, podem ser imensas. Além disso, a informação cotidiana disponível sobre ele é a base da qual ele deve partir ao decidir qual o plano de ação a empreender quanto ao estigma que possui. Assim, qualquer mudança na maneira em que deve se apresentar sempre e em toda parte terá, por esses mesmos motivos, resultados fatais [...]”. (GOFFMAN, 2008, p. 58)

<sup>7</sup> “A multiplicidade do eu e a ambiência comunitária que ela induz servirá de pano de fundo à nossa reflexão. Propus chamá-la de “paradigma estético” [aura estética] no sentido de vivenciar ou de sentir em comum. Com efeito, enquanto a lógica individualista se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa (persona) só existe na relação com o outro”. (MAFFESOLI, 2018, p. 17)

### **1.3 A dinâmica expositiva na construção da monografia**

Dividimos a monografia em três capítulos, tendo como orientação a formação e o estabelecimento da tribo regueira, através de festivais, na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, especialmente na cidade de Bacabal.

No segundo capítulo, vamos debater sobre a sociogênese da música reggae, a contribuição da crença rastafári para o ritmo jamaicano, os grandes festivais de reggae, ou a forma como essa música criada no terceiro mundo tem conquistado o globo.

No terceiro capítulo, vamos falar das primeiras festas de reggae em Bacabal, da importância da EXPOABA, dos grupos de dança e dos clubes para a expansão do reggae na cidade. E, também, do surgimento de vários DJ's, radiolas, projetos, programa de tevê, bloco de carnaval, microgrupos, estabelecendo assim a tribo regueira em Bacabal.

## 2 A SOCIOGÊNESE DA MÚSICA REGGAE

A palavra reggae apareceu escrita pela primeira vez em uma música do grupo Toots and Maytals, cujo título era “Do the Reggae”. O vocalista da banda, Toots Hibert, a definiu como o que vem do povo, do gueto, da maioria que sofre (ALBUQUERQUE, 1997; FREIRE, 2010, p.28).

O reggae é um ritmo que nasceu de um processo de hibridização na Jamaica e se internacionalizou, principalmente na voz de seu maior ícone, Bob Marley. Surgido no início dos anos 1970, o ritmo é uma mistura do mento, música folclórica jamaicana, com vários gêneros musicais, como os ritmos africanos, o ska e o calipso. De acordo com Albuquerque (1997, p. 27-28), o ritmo tomou forma depois de uma sequência de acontecimentos musicais (o surgimento de vários gêneros): rhythm and blues, mento, calipso, jazz, ska e rock-steady. (FREIRE, 2010, p. 28)

Segundo White (1992), os jamaicanos, influenciados pelo calipso, (ritmo de Trinidad e Tobago) e pelas antigas canções folk inglesas, foram misturando diversos ritmos até solidificar o mento, nos anos 1950. O ska surgiu depois, influenciado pelo rhythm and blues, que se expandia em Miami e New Orleans, nos Estados Unidos. Mais dançante e acelerado, o ska possibilitou a efetivação de uma indústria fonográfica na Jamaica nos anos 1960 (WHITE, 1999). E, com o passar do tempo, a batida predominantemente instrumental do ska foi se modificando com a introdução de vocalistas nas bandas e nessa evolução, impulsionadas por novas misturas, apareceu o rock-steady (SILVA, 2007, p. 97), com letras que falavam de problemas sociais e políticos. O reggae viria logo depois desses movimentos musicais. (FREIRE, 2010, p.28.)

Em *Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural*, Silva relata que, segundo Davis & Simon (1983), em 1494, Colombo aportou na Baía Xaymaca, “Terra das Primaveras” ou “Terra da Madeira e das Águas”, como era chamada a Jamaica pelos índios Arawak, que a habitavam e, em pouco mais de um século de colonização, seriam quase plenamente exterminados. Em 1655, a Jamaica tornou-se colônia inglesa, permanecendo como uma grande feitoria agrícola de plantações de cana-de-açúcar, mantida sob o trabalho de africanos escravizados, gerando enormes fortunas aos ingleses.

Durante os 250 anos de escravidão na Jamaica, milhares de africanos foram levados para a ilha, dos quais muitos foram revendidos para outras colônias. Assim sobreviveram em meio às diversidades de religião dessas nações africanas. Sobreviveram principalmente as crenças Pocomonía ou Poco Mina em Kingston e Montego Bay. Segundo afirmam Davis & Simon (1983, p. 17), as formas rituais caracterizavam-se pela utilização da dança, da percussão e do canto como técnicas que abriam caminhos para os tranSES, possessões e incorporações de entidades sagradas. (SILVA, 2016, p. 41)

Outro traço importante da cultura africana na Jamaica foi à predominância de orquestras formadas por escravos, usadas como animadores das festas promovidas pelos fazendeiros mais ricos, durante as férias (fim de colheitas, Natal dos negros, tempo de recreio e bailes de gala). A abolição da escravatura na Jamaica, em 1833, deixaria, portanto, nos descendentes de africanos, profundas marcas rítmicas e culturais, que se tornariam os fundamentos ideológicos do reggae (DAVIS & SIMON, 1993, p.16; SILVA, 2016 p. 42).

As bases econômicas predominantemente rurais na Jamaica começaram a se transformar no início de 1950, quando começou o processo de industrialização na Ilha. Com o processo de industrialização que se iniciou, ocorreu também o inchamento urbano de Kingston (capital da Jamaica), em virtude da imigração do campo para a cidade e o surgimento de várias favelas. Naquele tempo a música popular na Jamaica era o mento, ritmo inspirado no calipso das ilhas Trinidad e Tobago, considerado, pela Igreja, rude e indecente. O mento manteve também uma adaptação jamaicana de cantos de marinheiros e velhas canções folk britânicas. (RACIS & SIMON, 1993, p.16). (SILVA 2016 p 42).

Paralelamente, nos Estados Unidos, ocorria, nos anos 1950, a expansão do rhythm and blues, que começava a ser captado nas rádios jamaicanas. O som produzido pelos afro-americanos de Nova Orleans e Miami passa a influenciar os ouvidos caribenhos. (SILVA, 2016 p. 42).

A mistura do mento com o rhythm and blues, temperada pelas influências deixadas pelos tambores africanos desde a escravidão, originou o ska, um novo ritmo produzido pelos jamaicanos durante a década de 1960. (SILVA, 2016 p 42).

Com um instrumental alegre e agitado, as bandas de ska animavam os navios de turistas que visitavam a Jamaica naquele período. Com o passar do tempo, a batida do Ska foi sendo alterada e novas influências rítmicas determinaram a introdução de vocalistas nas bandas. Nascia, portanto, outro ritmo, o rockstead, em que os artistas jamaicanos, pela primeira vez, tinham a oportunidade de mostrar sua consciência política e musical. Com letras de cunho explicitamente social e político, o rockstead criticava a realidade vivida pela maioria da população pobre e negra das favelas jamaicanas, os bairros de lata, onde predominavam a fome, a miséria, o desemprego e as perseguições policiais. (SILVA, 2016 p. 42).

Em 1962, a Jamaica conquista a independência, o que não modificou a situação socioeconômica do povo da Ilha, que continuava sofrendo durante as consequências dos períodos de colonização (SILVA, 2016 p. 43). Mas a semente do reggae estava germinando nos bairros de lata de Kingstown.

## **2.1 A contribuição da religião rastafári**

Na década de 1920, surgiu o rastafarianismo, movimento político-religioso criado na Jamaica por Marcus Garvey. Marcus Garvey era um ativista e pregador negro que profetizava a coroação de um rei africano, que promoveria o retorno de todos os negros à “mãe África”. “O movimento rastafári se desenvolveu de forma messiânica”, e suas bases estão na África, a “terra prometida dos rastas”, e não na Jamaica. Marcus Garvey pregava: “olhem para África, pois quando um rei negro for coroado, o dia da libertação estará próximo” (SILVA, 2016, p. 43). Garvey nasceu na Jamaica em 1887 e morreu em 1940, e foi um dos expoentes do pan-africanismo (SILVA, 2016 p. 43). Garvey era descendente dos Maroons (escravos africanos que se refugiaram nas montanhas, formando grupos de resistência contra a dominação inglesa na Jamaica), buscando na bíblia as ideias para a teologia rastafári, tais como: o Ocidente era a Babilônia, local de sofrimento que deveria ser superado. A Igreja católica, a polícia e o governo, tudo isso representaria a Babilônia, o sistema corrupto e decadente do mundo ocidental (ALBUQUERQUE, 1997, p. 33). O uso da maconha tinha o propósito de ajudar a suportar uma realidade opressiva, além de servir para elevar as mentes e facilitar a compreensão das coisas; os dreadlocks nos

cabelos (dread quer dizer terrível e expressava o medo que as pessoas brancas tinham dos negros com tranças) seriam como antenas através das quais os rastas receberiam a inspiração de Jah, abreviação de Jeová (ALBUQUERQUE, 1997, p.34). A Etiópia passou a ser o horizonte, o lugar para onde os negros rastas deveriam voltar. A opressão a que o povo era submetido fez com que as ideias se propagassem e influenciassem de forma fundamental o reggae, pois eles encontravam na teologia rastafári tanto o consolo para as suas angústias quanto à inspiração para a produção musical que deu origem ao reggae (SILVA, 2007, p.103)

Em 1930, Tafari Makonnen, chefe (Ras) de uma tribo guerreira da Etiópia, é coroado imperador daquele país, com uma ascendência que, supostamente, remontava à união do rei Salomão com a rainha Makeda de Sabá, e seu novo título era “sua Majestade Imperial Hailé Selassié, o Rei dos Reis, senhor dos senhores, o Leão conquistador da Tribo de Judá, eleito de Deus”. (SILVA, 2016 p. 43-44). Estava, portanto, confirmado a profecia e os primeiros rastafarianos começaram a surgir na Jamaica nessa época, como seguidores das profecias de Marcus Garvey e adoradores de Hailé Selassié como o “Deus vivo”. A religião rastafári torna-se a grande força cultural e espiritual na Jamaica, dando inspiração à produção musical do reggae. (SILVA, 2016 p. 44)

A expressão máxima do reggae jamaicano no mundo está em Robert Nesta Marley. Juntamente com a banda The Wailers e com os princípios do rastafarianismo, Bob Marley foi o responsável pela explosão do reggae para além das fronteiras jamaicanas, no início da década de 1970. Acompanhado por nomes não menos famosos hoje, como Jimmy Cliff e Peter Tosh, o sucesso internacional dos Wailers serviu para abrir as portas aos vários cantores e compositores jamaicanos que começaram a excursionar por vários países e editar seus discos fora do país naquele período. (SILVA, 2016, p. 46)

## **2.2 O reggae na estrada**

Atualmente, São Luís do Maranhão é reconhecida como a “Ilha do Reggae”, a “Jamaica Brasileira”. Mas nem sempre foi assim: o ritmo chegou à Ilha, na década de 70, e, assim, foi conquistando, primeiramente, as periferias, e depois

os bairros de alta renda da cidade. Foi um longo processo de identificação com o ritmo jamaicano e de apropriação dele para São Luís ser identificada ao reggae.

Brasil (2005) diz que a chegada do reggae ao solo maranhense se deve ao processo migratório entre o Maranhão e Pará, impulsionado pela construção da estrada de ferro de Carajás, da Companhia Vale do Rio Doce – CVRD.

Em Belém, já se ouvia muita música caribenha e já havia os “sound system”, grandes aparelhagens de som, ideia importada da Jamaica e de outros países da América Central. Segunda essa versão, foi assim que a música do Caribe, através de Belém, invade a Ilha.

Em outra versão, o ponto de ligação entre as duas ilhas foi o porto de Itaqui. Os marinheiros davam os discos de reggae e de música caribenha às prostitutas, ou acabavam vendendo-os ou trocando-os com os trabalhadores do porto. (BRASIL, 2005)

Ademais, falam, segundo Brasil (2005, p. 88), que a música chegou via rádios de ondas baixas e rádios amadores do Caribe. (BRASIL, 2005, p. 88).

Com letras de protesto que demarcam uma transformação na música negra do mundo, o reggae continua evoluindo. Seus músicos buscam novos ritmos, novas tendências e novos espaços, mas sem deixar de buscar influências na tradição do reggae raiz. (SILVA, 2016, p. 46)

Foi assim que houve uma “explosão” do ritmo entre as populações negras e pobres das favelas e palafitas de São Luís do Maranhão, em meados dos anos setenta. (SILVA, 2016 p. 46)

Os especialistas divergem não apenas sobre a chegada do reggae, mas também sobre o elemento do ritmo jamaicano que mais contribuiu para a formação do grande público regueiro em São Luís. Muitas teses foram levantadas a respeito disso, que trazem elementos importantes para se pensar na expansão do reggae no Maranhão. (SILVA, 2016 p. 46).

O DJ Ademar Danilo, que apresenta o programa “Conexão Caribe” na rádio Difusora de São Luís, fala que os ritmos caribenhos sempre tiveram grande audiência, sobretudo o merengue, nos estados do Pará e Maranhão. Outro aspecto que ele destaca está no fato de que o Maranhão e a Jamaica serem terras de populações eminentemente negras e tal fato pode criar uma identidade forte entre

esses dois povos. Ele também defende que o apelo emocional do reggae caiu no gosto das populações negras da capital do Maranhão. (SILVA, 2016, p 46)

O jornalista Otávio Rodrigues, editor da revista Trip e apresentador do programa Disco Reggae na Radio Bandeirantes FM de São Paulo, diz que há uma identificação entre o reggae e bumba-meu-boi do Maranhão. Segundo ele, isso acontece, porque “a marcação dos couros do bumba-meu-boi é centrada em contratempos como acontece no reggae”. (SILVA, 2016, p. 47-48)

Mundinha Araújo, pesquisadora da história do negro no Maranhão, escreve que o merengue é uma dança muito comum nos povoados negros do interior do estado, e, como a população da periferia de São Luís é formada por migrantes vindos do interior maranhense, existe entre eles uma inclinação para o consumo de ritmos caribenhos. (SILVA, 2016, p. 47-48)

Fauzi Beydoun, vocalista da banda Tribo de Jah e apresentador dos programas Rádio Reggae e Reggae Point na Rádio Mirante (AM e FM) de São Luís, defende que haja uma “sintonia direta, que identifica o Maranhão e a Jamaica”. De acordo com ele, nem em Salvador, onde o reggae também envolve muita gente, acontece fenômeno semelhante ao que ocorre em São Luís. Para ele há uma proximidade entre a maneira como o reggae se estabeleceu na Jamaica e no Maranhão, e assim assinala uma identidade cultural entre negros maranhenses e jamaicanos, apesar daqueles não entenderem as letras das músicas:

Aquilo tudo tem a ver com ele, mesmo em nível do subconsciente, que captou a mensagem. A identidade é a mesma, o cara tá cantando lá, falando da violência policial, do racismo (...) a mesma coisa acontece aqui. (SILVA, 2016 p.48)<sup>8</sup>

Além disso, outro elemento importante para a divulgação do reggae é a existência das chamadas radiolas em São Luís. As radiolas são sistemas sofisticados com até quarenta caixas de som que, na maioria das vezes, contrastam com a pobreza dos salões de festas. Elas são operadas por um discotecário, que

---

<sup>8</sup> Há, no entanto, uma diferença em relação à Jamaica que está na forma como é dançado o reggae. Em São Luís, o reggae é dançado aos pares e individualmente; além disso, nos salões do Maranhão, vemos os dançantes misturando ao reggae passos de forró, merengue e bolero. Vemos também coreografias coletivas, que reúnem três, cinco ou mais pessoas.

nem sempre é o proprietário da radiola, e que é contratado pelos proprietários dos salões para animar as festas na cidade.

As radiolas maranhenses, tal como os sound systems jamaicanos, não nasceram com o reggae: algumas delas já promoviam festas com outros ritmos, tais como: forró, merengue, lambada e discoteca. Na década de 80, porém, temos uma multiplicação de radiolas voltadas quase que, de forma exclusiva, para a promoção das festas de reggae. Atualmente, há oitenta radiolas em São Luís, disputando a preferência dos regueiros. Para compreender essa concorrência, temos que levar em consideração a competência dos discotecários e a condição econômica dos proprietários, para adquirir os novos lançamentos com exclusividade. (SILVA 2016 p. 50- 51).

Aliás, Riba Macedo aponta o surgimento do tape deck nas lojas, por volta de 1975, como um elemento importante na expansão do ritmo jamaicano em São Luís. A nova tecnologia foi importante, porque, como os discos eram muitos caros em razão de serem importados, a regravação pode assim difundir as músicas da Jamaica nas periferias de São Luís. Antes disso, as festas eram promovidas apenas por discos de vinil, e as primeiras radiolas funcionavam com válvulas, não havia radiolas transistorizadas (aparelhos que têm transistores em lugar de válvulas eletrônicas) em São Luís. Riba Macedo foi assim a primeira pessoa a ter uma radiola transistorizada na Ilha maranhense. Até o final da década de 70 existiam poucas radiolas em São Luís. As radiolas mais antigas e que ficaram marcadas na memória dos regueiros foram a Carne Seca, Nestábulo e Serralheiro, que tocavam ritmos variados, executando o reggae só por volta de 1978. (SILVA, 2016, p. 67-68)

Assim como as radiolas, os salões têm o papel fundamental no processo de expansão do movimento regueiro em São Luís. Neles, ao ouvir o ritmo em equipamentos sofisticados dos sistemas de som, os dançarinos mostram a sua habilidade.

O Pop som, no bairro Jordoa, é considerado pelos regueiros como o mais antigo clube de reggae de São Luís. Suas atividades tiveram início no ano de 1975; porém, somente em 1982, que ele passou a tocar, de forma exclusiva, o reggae. Antes do reggae, no clube se ouvia discoteca, bolero, lambada, samba etc. O seu proprietário tem, atualmente, três salões: além do Pop I no Jordoa, há o Pop II no

Coroadinho e o Pop III no São Bernardo, bairros periféricos formados por pessoas vindas do interior. (SILVA, 2016 p. 78)

### **2.3 Os grandes festivais de reggae**

Segundo nossa pesquisa, o Rototom Sunsplash é um dos festivais mais conhecidos e de maior público do mundo, ele acontece no continente europeu, durante o período do verão. No início ele era realizado na cidade de Benicassim, próximo à cidade de Valência na Espanha.

O evento atrai milhares de expectadores desde 1994, fazendo com que os amantes do reggae venham a se encontrar em todos os verões e curtir uma semana de evento, trazendo além da diversão à localidade, muita renda e cultura. Ele foi organizado através da Associação Rototom, junto à discoteca em Zoppola, cidade que está localizada nas mediações entre Veneza e Udine, onde teve início a organização desse grande e memorável evento conhecido como Rototom Sunsplash.

O evento teve início em 1991<sup>9</sup>. Ele nasce na Associação Cultural Rototom. O nome Rototom vem do tambor rototom, que tal como o evento, surge a partir dele uma variedade de sons. Assim o evento abriga outros ritmos, tais como rock, reggae, indie e música eletrônica.

A principal fonte de renda que sustenta o evento vem de recursos próprios, mantendo-se aos dias atuais com sua base formada desde o início da primeira realização do mesmo. Toda a trajetória, até a realização da primeira edição do evento, aconteceu na cidade de Gaio de Spilimbergo, no clube Rototom no ano de 1994, sendo o primeiro encontro do movimento reggae conhecido nacionalmente. O evento foi chamado de Rototom Sunsplash. O nome Sunsplash faz parte de uma homenagem feita a um evento de reggae realizado na Jamaica.

A primeira edição do evento foi realizada durante dois dias ininterruptos, e em sua composição diversos atrativos como shows dentro e fora da boate, palestras demonstrativas sobre o movimento reggae e sua origem. Teve um público de mil

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Rototom\\_Sunsplash](https://en.wikipedia.org/wiki/Rototom_Sunsplash). Acesso em: 24/07/2020

espectadores, sendo uma boa parte músicos e produtores, e ainda a criação da rádio Rototom para que disseminasse a voz do reggae e sua cultura entre os espectadores do evento visando a uma projeção nacional.

A segunda edição do evento aconteceu em 1995, com um público de três mil expectores, sendo realizado em dois dias de festival. Já a terceira edição do evento foi realizada no ano de 1996, com o dobro de frequentadores: seis mil expectadores em três dias de evento. A quarta edição em 1997 atingiu um total de oito mil pessoas também em três dias de evento mostrando assim a força e a qualidade do evento para o movimento em geral. No ano de 1998, o evento muda de local, passando a ser realizado na cidade de Lignano, motivado pelo crescimento do público participante do evento.

O festival de reggae Rototom Sunsplash cresceu consideravelmente, e nos anos de 1998 e 1999, sua realização ocorreu na cidade de Lignano, evoluindo e sendo chamado nesse mesmo período de “O acampamento Girasole”. O evento foi ganhando visibilidade e grandes proporções midiáticas, e com essa evolução, mais uma vez o evento muda de local de realização, sendo agora na cidade de Latisana Marítima, localizado nas mediações de Lignano, próximo a cidade de Veneza muito conhecida pelos turistas de todo o mundo.

Agora em novas terras, bem mais localizada e com amplo espaço para os frequentadores, passa a abrigar milhares de pessoas, o evento passa de oito mil para vinte mil pessoas, tornando-se um marco na música mundial aumentando também os dias de evento de dois para três a quatro dias.

No ano 2000, mais uma vez o evento muda de lugar, passando a ser realizada em Osoppo (Udine), temporada essa realizada nos anos de 2000 a 2009.

Tendo em vista a consolidação do evento, Lignano foi muito importante para que o evento mudasse de lugar, sendo realizado nas proximidades de outros países viabilizando o crescimento do mesmo pela sua melhor localização geográfica.

O evento está situado numa área de 250 mil metros quadrados, localizado no Parque Rivelino na cidade de Osoppo, numa área expansiva capaz de abrigar uma média de 150.000 pessoas em dez anos de realização. Com toda essa estrutura aumenta o número de pessoas, palcos, shows e vários outros sistemas organizacionais ligados ao reggae e sua divulgação a nível mundial.

Rototom Susplash teve durante esse período de ascensão momentos que ficaram na história, porém, devido à sua grande projeção, é perseguido politicamente e judicialmente pelo governo. No ano de 2006 após adoção da lei Fini-Giovanardi, que propõe prisão de até dez anos a pessoas que toleram em espaços de lazer o uso de cannabis, drogas em atitudes culturais. Com isso, durante toda a realização do evento, através da lei, tal uso foi criminalizado, não dando opção de realização do evento na Itália, forçando a sua produção realizá-lo na Espanha.

No ano de 1993, nasce o maior festival de reggae do mundo, Reggae Sumfest, localizado na Jamaica sendo realizado no mês de julho na cidade de Montego Bay<sup>10</sup>.

O evento recebe uma multidão de espectadores, oriundos de vários países e principalmente da Jamaica, berço do reggae onde abriga as melhores bandas e melhores cantores, que fizeram e ainda fazem a alegria da massa regueira, sendo rotulados como lendas do reggae.

Não se sabe os verdadeiros motivos da venda do evento e de sua marca pelos seus fundadores para o Downsound Record, no ano de 2016.

O evento inicia no domingo e continua durante toda a semana com dança de rua gratuita, shows com os melhores cantores de reggae e finaliza na sexta-feira, totalizando seis dias de evento.

O Summerjam é um festival de reggae que ocorre na Alemanha. Mais precisamente, no Föhlinger See, um lago localizado na cidade de Colônia. O festival reúne um público de 25 a 30 mil pessoas por noite. Pelo festival já passaram grandes nomes do reggae, tais como: Black Uhuru, Dennis Brown, Jimmy Cliff, Steel Pulse, Sly and Robbie, Burning Spear, Israel Vibration, Lee Scratch Perry, Bunny Wailer, Groundation, Alpha Blondy e Toots & The Maytals<sup>11</sup>.

Na Califórnia (EUA), temos o California Roots Music and Art Festival, mais conhecido como Cali Roots. A primeira edição do evento ocorreu no ano de 2010. Ele foi fundado por Jeff Monser, um artista e dono de uma gráfica. O festival ocorre no Monterey Conty Fairgrounds, em Monterey, no mesmo local do Monterey Pop Festival, onde Jimi Hendrix colocou fogo no seu violão em 1967. O festival é dividido

---

<sup>10</sup> Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Reggae\\_Sumfest](https://en.wikipedia.org/wiki/Reggae_Sumfest) . Acesso: 09/11/2020.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Summerjam>. Acesso em: 09/11/2020.

em três dias de festa, atraindo uma média 13 mil pessoas por dia de festival. É o maior festival de reggae nos Estados Unidos<sup>12</sup>.

No Brasil, o festival República do Reggae é um dos maiores eventos de reggae, sendo conhecido a nível internacional pelo ritmo e gingado brasileiro de fazer o reggae. O evento é realizado no Estado da Bahia, onde está situado um público fiel o ano todo, não apenas na temporada do festival.

A primeira edição aconteceu no dia 15 de novembro de 2003 na praia de Ipitanga, com atrações nacionais e internacionais de grande nome no movimento reggae mundial, no palco principal muita alegria e satisfação para os participantes do evento<sup>13</sup>.

No ano de 2004, o evento foi realizado em dois dias, e, nessa edição, o evento foi celebrado no dia da Consciência Negra (20 de novembro), dando menção a Zumbi dos Palmares, líder dos escravos, sendo uma figura muito importante para os negros do nosso País. O evento foi realizado nos dias 13 e 20 de novembro no Clube Wet`n Wild. É um dos mais importantes e conhecidos nacionalmente por sua estrutura física, assim como a divulgação do mesmo.

O festival de reggae Usina Summer Sessions tem como objetivo a valorização do reggae nacional com várias bandas nacionais e acontece na cidade de Curitiba, local de realização do evento. O evento é realizado no mês de dezembro no clube Usina 5, dando abertura a época de veraneio no sul do país. Sua realização reuniu os melhores cantores e bandas de reggae do Brasil na cidade de Curitiba com organização da produtora Planeta Brasil Entretenimento, dentre outras que se reúnem para realização e divulgação do evento<sup>14</sup>.

O Maranhão Roots Reggae Festival é realizado anualmente na capital do Maranhão, São Luís, reunindo grandes nomes do movimento reggae nacional e internacional. O festival de reggae como é mais conhecido teve sua primeira realização no ano de 2001, além das atrações nacionais, contou com várias atrações maranhenses que se apresentaram no evento dando mais visibilidade à cultura do reggae no Maranhão.

---

<sup>12</sup>Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/California\\_Roots\\_Music\\_and\\_Arts\\_Festival](https://en.wikipedia.org/wiki/California_Roots_Music_and_Arts_Festival). Acesso em: 09/11/2020.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.surforeggae.com/noticias.asp?ID=1195> . Acesso em: 10/11/2020.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://barulhocuritiba.bemparana.com.br/post/festival-usina-summer-sessions-trara-o-melhor-do-reggae-nacional-para-curitiba#.X9FlythKjIU> . Acesso em: 10/11/2020.

O evento é muito valorizado por ter uma ligação forte entre a capital maranhense e a Jamaica, ganhando o apelido de Jamaica Brasileira devido à grande aceitação na Ilha de São Luís.

De atração internacional, já se apresentaram no festival Big Youth, Marcia Griffiths, Lloyd Parks And We The People, Culture e Kenyatta Hill, U Roy, The Itals, Justin Hinds And The Dominoes, Honey Boy, Horace Andy, Bob Andy, Cedric Myton, Clinton Fearon, Sly Fox, Ken Boothe, Owen Gray, Silvia Tella, Pablo Moses, The Pioneers, Dennis Alcapone e muitos outros grandes nomes do reggae. E de atração nacional, já se apresentaram Tribo de Jah, Tony Tavares, Cidade Negra, Planta e Raiz, Toni Garrido, Mano Bantu, Ronnie Green, Filhos de Jah, Kazamata, Mirian Black e Rebel Lion<sup>15</sup>.

O evento Cidade do Reggae também é realizado na capital São Luís e faz o intercâmbio com os principais cantores de reggae da Jamaica, além dos cantores maranhenses que são bastante conhecidos no Brasil. Dispõe ainda da participação das radiolas de reggae, uma marca do estado do Maranhão.

No geral, o ritmo da Jamaica conquistou o mundo inteiro, movimentando bilhões de dólares na indústria do entretenimento. O estigma de música do gueto, “coisa de favelado”, não foi suficiente para inibir a expansão da música jamaicana que revolucionou a música mundial.

A tribo do reggae é, portanto, enorme, e nela temos representantes de todas as partes do mundo. Vemos, nas principais cidades do globo, os rasta, os dreads, os regueiros, os amantes da reggae music vestidos com as cores do reggae, reunindo-se, seja em grandes festivais, seja em bares, seja em discotecas, seja em radiolas, seja em barracas de praia, para ouvir e celebrar a música da Jamaica que Bob Marley difundiu pelo mundo.

É o estar-junto que interessa para as tribos. Isto é, uma nova forma de agregação social que é característica de nosso tempo. É esse novo tipo de agregação que Maffesoli (2018) chama de tribo, tribalismo. Seguindo as pistas deixadas por Weber e sua comunidade emocional, o sociólogo francês chama a

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://reggaebrasilhistoria.blogspot.com/2017/07/maranhao-roots-reggae-festival.html>. Acesso em 10/11/2020.

atenção para esse novo modo de viver e de se organizar nas cidades contemporâneas, pautado nos parâmetros afetual e simbólico:

Acontece que essa metáfora [tribo] traduz muito bem o aspecto emocional, o sentimento de pertença e a ambiência conflitual que esse sentimento induz. Ao mesmo tempo, ela permite ressaltar, além desse conflito estrutural, a busca de uma vida cotidiana mais hedonista, isto é, menos teleológica, menos determinada pelo “dever-ser” e pelo trabalho. Tudo que os etnógrafos da Escola de Chicago já haviam indicado há algumas décadas, mas que atualmente toma uma amplitude das mais notáveis. Essa “Conquista do Presente” se manifesta de maneira mais informal nesses pequenos grupos que passam “o melhor do seu tempo vagando e explorando seu mundo”. O que, naturalmente, os leva a experimentar novas maneiras de ser, em que “a caminhada”, o cinema, o esporte e as “comedorias” em comum têm um lugar especial. É interessante notar, aliás, com o passar do tempo esses pequenos bandos se estabilizam. Aí surgem os clubes (esportivo, cultural), ou a “sociedade secreta”, com fortes componentes emocionais. É essa passagem de uma forma para a outra que fala em favor do aspecto prospectivo das tribos. Certamente, nem todos esses grupos sobrevivem, mas o fato de alguns deles assumirem as diversas etapas da socialização faz deles uma “forma” social de organização flexível, um tanto atribulada, mas que responde bem, *concreto modo*, às diversas imposições do meio ambiente natural específico que é a cidade contemporânea. Desse ponto de vista, a cidade pode nos levar à colocação de uma nova lógica social que pode desordenar inúmeras de nossas tranquilizadoras análises sociológicas. Dessa maneira, o que parecia “marginal” há pouco tempo não pode mais ser qualificado assim. Antes da Escola de Chicago, M. Weber havia notado a existência do que chamarei agora de um “romantismo tribal”, que valorizava a vida afetual e a experiência vivida. Com matizes, aliás, ele se aplica em separar o joio do trigo. Entretanto, ao contrário de certos comentadores, parece-me que sua análise dos pequenos grupos místicos contém, *in nuce*, numerosos elementos que permitem apreciar o que observamos em nossos dias. Desse ponto de vista, a prudência de Jean Séguéy não me parece mais admissível, pois, para além das reservas próprias ao seu tempo, a descrição daquilo que escapa à racionalização do mundo está em perfeita congruência com o não racional que mobiliza em profundidade as tribos urbanas. É preciso insistir nesse ponto: o não racional não é irracional, ele não se posiciona com relação ao racional; ele aciona uma lógica diferente da que tem prevalecido desde o Iluminismo. Agora se admite cada vez mais que a racionalidade do século XVIII e do século XIX é apenas um dos modelos possíveis da razão que age na vida social. Parâmetros como o afetual ou o simbólico podem ter a sua própria racionalidade. E, assim como o não lógico não é ilógico, podemos reconhecer que a busca de experiências partilhadas, a reunião em torno de heróis epônimos, a comunicação não verbal e o gestual corporal se apoiam em uma racionalidade que não deixa de ser eficaz, e que, sob vários aspectos, é mais ampla e, no sentido simples do termo, mais generosa. O que pede generosidade de espírito, por parte do observador social. Essa generosidade só pode nos tornar mais atentos à multiplicação das tribos que não se situam na margem, mas são múltiplas inscrições pontuais de uma nebulosa que não tem mais um centro preciso. (MAFFESOLI, 2018, p. 259-261)

Temos assim a formação de uma nova socialidade, de uma “forma lúdica de socialização”. A tendência nas cidades é, portanto, o estabelecimento de várias tribos, cada uma “cultuando seu deus ou deuses”; é o surgimento de diferentes estéticas, de auras estéticas, nas quais as pessoas se reconhecem e sentem em comum. Assim a sociedade econômica, a política e a razão iluminista não são mais suficientes para o homem contemporâneo. A busca se faz por uma racionalidade mais generosa, por uma “nebulosa afetual” em torno de um símbolo, de um ritmo, de um clube de futebol, de um estilo de vida, de um esporte etc. As tribos urbanas se comportam de forma dionisíaca, elaborando crenças coletivas, uma *doxa* comum. É, pois, a procura por uma sensibilidade coletiva que ultrapasse a atomização individual e que crie uma “aura estética”.

É esse fenômeno que vemos em Bacabal através da movimentação da tribo regueira na cidade. O estar-junto para festejar o reggae, o encontro de várias radiolas no principal clube da cidade, o fardamento do grupo, os laços afetivos que vão nascendo em torno do amor pelo reggae, tudo isso faz parte do que estamos chamando de comunidade emocional do reggae em Bacabal. Portanto, a reunião dessas pessoas não tem o objetivo de protestar por direitos econômicos, políticos e culturais, mas exclusivamente para festejar a vida ao som do reggae.

### 3 A COMUNIDADE EMOCIONAL DO REGGAE EM BACABAL

Apesar da tribo regueira caminhar de forma independente em Bacabal, podemos dizer que sua formação e estabilidade ocorreram devido ao Edmarley. Com o tempo, ele foi fazendo parcerias, conhecendo os regueiros da cidade, que estavam desorganizados, e passou a reuni-los semanalmente em festas, clubes, programas de tevê e rádio, blocos de carnaval etc., criando uma irmandade que agrega centenas de pessoas em torno do reggae<sup>16</sup>.

Edmarley tem 54 anos e ingressou no movimento reggae ainda na década de 80. Começou a promover eventos de reggae na década de 90. Seu primeiro evento foi “A primeira noite do tempo jamaicano” em 1996, gravando a primeira noite do clipe jamaicano. Assim seu envolvimento com o reggae foi crescendo, passando a produzir festas com radiolas vindas da capital São Luís para tocar em Bacabal. Ele realizou eventos nos clubes que se instalaram na EXPOABA, produziu show com Owen Gray e Bill Campbell, cantores jamaicanos de grande renome na cena reggae internacional. Fez eventos com a banda Legenda, com a Radiola Black Power e a Radiola Itamaraty. Nos clubes da cidade realizou shows com as Radiolas FM do Clubão, Black Power, Companhia do Som, Estrela do Som, etc.

Edmarley desenvolveu um projeto em parceria com a TV Mearim para exibir o programa Estação do Reggae aos sábados, fortalecendo assim o movimento reggae. Trabalhou nas rádios Ok FM, Liberdade FM e fundou o bloco Estação do Reggae, a fim de competir com os demais blocos no carnaval de Bacabal.

Em 1997, ele se tornou presidente da Associação dos Regueiros de Bacabal, manteve-se no cargo por dois mandatos, realizando um admirável trabalho de conscientização sobre o reggae, buscando distorcer a imagem de que nas festas de reggae havia violência porque os regueiros eram pessoas marginalizadas. Nesse período a Associação dos Regueiros dava suporte e incentivava os componentes a formarem blocos de reggae para fazer parte do carnaval da cidade, disputando na

---

<sup>16</sup> Neste capítulo, as informações sobre o reggae em Bacabal foram colhidas no arquivo particular do DJ Edmarley. Aliás, Edmarley foi nosso principal interlocutor. Assim a pesquisa não teve tempo suficiente para fazer entrevistas com outros personagens da comunidade regueira de Bacabal.

avenida com as demais agremiações, sendo pioneiro o bloco Tipo Reggae, depois o bloco Estação do Reggae (duração de 15 anos) e Os Discípulos do Reggae.

Com a chegada do Reggae eletrônico no Maranhão, produziu shows, firmou parcerias e realizou eventos na cidade de Bacabal com os artistas Done Dhonnes, Tony Tavares, Dobe Brow, Ronni Gree, Rosy Valencia, Well Marques, Mirian Black e Mister Cleber. Em outras cidades fez parceira com o produtor e empresário do cantor jamaicano Nores Cows, realizou eventos com os artistas Erick Donaldson, na cidade de Codó, com Dhone horlando e Denes Uouquer em Pedreiras, com Erik Donaldson, Ronei boy, Noris Cow em Bacabal, produziu ainda shows nas cidades de Penalva, Viana, Matinha, Santa Inês, Pindaré, Monção, Bom Jardim.

Edmarley é ainda um dos fundadores do grupo de reggae bastante conhecido na cidade, o Resenha Roots, e coopera com a fundação do grupo “Amantes do reggae roots” na cidade de Pedreiras.

Podemos dizer que foi ele que ajudou a formar a tribo regueira de Bacabal. Conhecido como “Papa do reggae”, Edmarley, sob a ótica de Maffesoli, é o pajé da tribo.

Seus discípulos, amigos e produtores de eventos foram ajudando Edmarley a firmar parcerias, contribuindo para o estabelecimento da tribo do reggae na cidade. Assim radiolas, DJ’s e grupos de reggae foram, e são, importantes aliados do movimento reggae no fortalecimento do movimento roots no interior do Maranhão e no resgate da música raiz, estendendo-se também a outras cidades, como Codó, Pedreiras, Pindaré, Coroatá e Santa Inês, onde o trabalho de divulgação e articulação pretende estimular o surgimento de outras tribos.

Ademais, os grupos de dança de reggae contribuíram para dar maior visibilidade ao ritmo em Bacabal. Atualmente não existe nenhum grupo de dança ativo na cidade. Mas na década de 90 surgiram vários deles: Filhos de Jah, África Dance, África Reggae, Discípulos do Reggae, Cobras Jah, Filhos de Marley e Estação do Reggae Mirim. Esses grupos, tal como os de *street dance* hoje em dia, eram uma atração a mais nas festas da cidade.

### **3.1 EXPOABA**

A EXPOABA foi um evento que ficou marcado na lembrança dos bacabalenses e dos moradores das cidades vizinhas, seja pelo lazer e diversão, seja pela troca de experiências no campo agropecuário do Médio Mearim, seja pela renda gerada para os bacabalenses.

A exposição durou muitos anos e era montada no famoso Sítio do Gerônimo, local onde hoje está edificado o prédio da TELMA, depois, foi transferida para BR 316, onde ganhou o nome de Parque Renato Nunes, em homenagem ao doador do local, nome este depois modificado para Parque Zé Carvalho pelo agropecuarista e ex-prefeito da cidade, Zé Vieira.

A cavalgada da EXPOABA era a marca registrada da abertura do evento. Além disso, havia no evento anual inúmeras opções de lazer para todas as faixas etárias, incluindo clubes de vários ritmos dançantes, em especial, o clube Carne Seca, que reunia muitos amantes do reggae roots e que ainda hoje é lembrado pelos frequentadores dos eventos de reggae.

A EXPOABA assim faz parte da memória do movimento reggae na cidade. Foi lá que muitos bacabalenses conheceram a música jamaicana e puderam dançar o reggae pela primeira vez. A exposição era, pois, aguardada com ansiedade pelos regueiros da cidade.

### **3.2 Os clubes de reggae**

O primeiro clube de reggae da cidade de Bacabal foi o clube Roda Gira, localizado na rua do Cajueiro. Depois, surgiu o clube do Zé Raimundo no bairro da Areia, seguido do mais duradouro Clube Cassino da Urca (lembrado até hoje pelos frequentadores). O terceiro clube permaneceu por mais tempo, considerado o melhor da cidade de Bacabal.

Logo foram surgindo outros clubes: Jubileu e Talismã, localizados no bairro Vila São João, mas nenhum conseguiu resistir por muito tempo. Dessa forma, anos mais tarde, com o fechamento dos clubes, o reggae migrou para os bares.

Atualmente, existem dois clubes voltados exclusivamente ao movimento reggae, o clube da Maninha Respeitada, situado na praça Santa Terezinha, no centro da cidade e a Choperia Mega Wander, situada à Rua Antônio Lobo. Além deles, podemos citar a Avenida Beira Rio, onde, nas sextas-feiras, os regueiros podem contar com o projeto Sexta Roots do DJ Edmarley à beira do Mearim.

O clube Cassino da Urca teve sua fundação por volta de 1980 e funcionou até o início do ano de 1995. Seu nome era uma homenagem ao Cassino da Urca, cassino de fama internacional instalado no bairro da Urca na cidade do Rio de Janeiro, que agitou as noites cariocas nas décadas de 30 e 40. No Cassino da Urca, de Bacabal, as festas de reggae se estenderam até a metade dos anos 2000. As festas eram comandadas pelo DJ Maestro Cabeludo, da radiola Trovão Azul, de propriedade do Sonzão do Carne Seca, posteriormente, Trovão Azul. Em seguida, “DJ Peruzinho” assumiu o comando da radiola, entre os anos de 1987 a 1995, comandando “as sequências” no clube Cassino da Urca. O fechamento do clube ocorreu devido à queda de produção de eventos do segmento, o que levou o proprietário à desmotivação, passando a alugá-lo, e, por fim, a fechá-lo por tempo indeterminado.

O clube Caroço, de propriedade de Samira e seu pai Caroço, não foi fundado para o uso exclusivo de festas de reggae. Mas com o fechamento do clube Cassino da Urca, seus proprietários resolveram receber em seu clube eventos que prestigiavam o reggae. Houve assim boa aceitação por parte do público, já que o seu clube era o único voltado ao ritmo na cidade. As festas eram realizadas aos finais de semana sob o comando dos DJs Marcos Estrela, Fernando Show, da Radiola Black Show, e, Domingos Roots, da Music Som, dando início a uma longa parceria entre eles e o clube Caroço.

O clube Cantinho do Reggae, de propriedade do sargento Teixeira e de sua esposa Vanda, teve início com o apoio de Edmarley, com quem trabalhou desde o início na execução do projeto, auxiliando-o na formação de uma nova radiola para que pudessem organizar os eventos. A Radiola Jamaica Reggae Music, que estava localizada em um clube no bairro Vila Coelho Dias, onde funcionava o antigo motel Pôr do Sol, posteriormente clube Cantinho do Reggae, instalou-se no mais novo point regueiro para finalmente promover festas do segmento em local apropriado.

Com a vinda de Elber Filho para Bacabal, antes residente em São Luís, Edmarley contou com mais um parceiro, além da parceria com Linco Marley, responsável pela manutenção da radiola. Isso representou um legado de experiências e conhecimento profissional, alcançando maior visibilidade entre empresários e regueiros na cidade. No início, segundo informou Edmarley, tal radiola era composta apenas por onze aparelhos, sendo sete de propriedade do dono do clube e os outros quatro aparelhos de propriedade de Edmarley. Após a mudança de local do clube para a estrada da Bela Vista, próximo a BR 316, Edmarley desfez a parceria na intenção de formar sua própria radiola.

A choperia Mega Wander trata-se de um clube voltado somente ao movimento reggae, recém-inaugurado e que oferece um ambiente amplo com área climatizada, garantindo a comodidade, a segurança e conforto dos frequentadores. Seu proprietário e dono da radiola Mega Wander, Wanderley da Auto Escola Bacabal, como é mais conhecido na cidade, organiza com frequência eventos voltados ao movimento reggae.

Atualmente, dentre os locais onde ocorrem festas ligadas ou direcionadas ao movimento reggae, podemos citar o clube Beira Rio, onde se apresenta a radiola Princesa do Reggae e sua programação semanal às sextas feiras, com o projeto Sexta Roots, de autoria do DJ e proprietário da radiola Edmarley. O evento é voltado à tribo regueira da cidade, que curte o reggae raiz.

Outro local a ser citado é o bar do Raimundinho na Avenida Mearim, onde os amantes do reggae também se reúnem para curtir a música jamaicana.

Um dos clubes mais conhecido na cidade é o Vanguarda, que é alugado para diversos tipos de eventos, dentre eles, acontecem festas voltadas ao público amante do reggae roots de qualidade, carregado de atrações e radiolas vindas da capital São Luís e também de cantores internacionais.

Outro local de realização de eventos é a Associação Só Areia, localizada no Bairro da Areia, atualmente sede do grupo Resenha Roots. E, por fim, temos a o clube da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), onde, de vez em quando, é alugado para as festas da tribo regueira.

### 3.3 DJ's e Radiolas

Quando o movimento reggae estava no seu grande apogeu, havia muitas radiolas de reggae na cidade, porém muitas delas se desfizeram, ou seus proprietários herdeiros não deram continuidade ao trabalho dos seus pais. Poucas radiolas daquela época continuaram ativas, fazendo a alegria da moçada regueira de Bacabal.

A radiola Jamaica Black Som do clube Roda Gira tinha em seu comando o DJ Gilson Black e participação do DJ Luís Jamaica, já a radiola Diamante Negro fazia a festa no clube do Zé Raimundo, de propriedade do mesmo, mais conhecido como "Cuscuz". Era dirigida pelos DJs Gilson Black, Valdir Pedra, Luciano Stone, Luís força Negra e Bodinho Pedra.

As radiolas que tocavam no clube Cassino da Urca eram a Arte Som, radiola de propriedade do senhor Trabulsi com o DJ Peruzinho, a radiola Águia de Aço, que tinha em seu comando os DJs Peruzinho, Evilázio, Loro Rasta, Geovane, Maestro Cabeludo, Antônio José e DJ Capeta.

Os DJ's davam sua colaboração tocando na radiola Águia de Aço, que também revezava nos eventos realizados no clube. Havia também a radiola FM Roots com o DJ Frank Roots, a radiola Gatinha do Som, do DJ Lincoln Marley, e a radiola Star Music sob o comando dos DJ's Marcos Estrela e Claudio Estrela. Nesse período, a radiola Casaquisista, de propriedade do senhor Batata, como era mais conhecido, realizava os seus eventos no antigo Sítio da Brahma. Havia também outros clubes que elas se apresentavam, como o Talismã, o Clube Jubileu, e, na Cohab, o clube Vereda tropical, com DJ Dingo, que se chamava Som do Zico.

Atualmente, surgiram várias radiolas de pequeno porte; já algumas resistiram ao tempo e continuam embalando as festas de reggae, como, por exemplo, as radiolas Águia de aço e Star Music.

A radiola Musical Mega Wander é originalmente bacabalense. Possui pouco tempo de existência, muitos seguidores na cidade e conta com o repertório dos DJs Mister Wander, Van Black, Bruno Black e Clebinho.

Outra radiola de força é a Musical Força Negra de propriedade do DJ Luís Força Negra e Leandro Força Negra.

A radiola Companhia Musical conta com as sequências dos DJ's Geovane, Celso Night e Charles Rios. As radiolas Maluquinha do Som, com a sequência do DJ Jeferson Roots. Radiola Taty Som, do bairro Mangueira, com o DJ's Braz e Ariel Pop. A radiola Princesa do Reggae, de propriedade do DJ Edmarley, que conta com a participação especial do DJ's Chicola Roots e Gilmar Roots. Temos também a radiola Perisystem, do DJ Tiago; a radiola Pretinha do Som, do Bar do Raimundinho; A radiola Star Music Number One, do DJ Claudio Estrela; a Music Som, do DJ Domingos Roots, que toca no Clubão Caroço, no Bairro da Areia (nas proximidades da BR 316); a radiola Black Show, do DJ Fernando Show; a radiola 007, do DJ Celso Night. Já o DJ Pinda Roots toca na radiola Pretinha do Som, Radiola Conexão Jamaica, Radiola Musical Roots.

Há vários DJ's que compõem o grupo de reggae Resenha Roots, tais como: Serginho Black, Leandro Força Negra, Jacarezinho Roots, Edmarley, Chagas Black, Junior Black, Wilian Marley, Lincoln Marley.

Dos anos 80 aos dias de hoje, diversos DJ's passaram pela cidade bacabalense e deixaram sua marca registrada na história do movimento reggae local. Infelizmente, alguns saudosos, como os DJ's Louro Rasta e Bodinho Pedra.

Os DJ's que estão em atividade na cidade de Bacabal são Maestro Cabeludo, Evilázio, Gilson Black, Luís Força Negra, Bodinho Pedra, Luciano Stone, Valdir Pedra, Louro Rasta, Adão Pedra, Ed Roots, Edmarley, Peruzinho, Capeta, Antônio José, Maluco, Pedro Pedra e Serginho Black.

### **3.4 O bloco Estação do Reggae**

A história do reggae em Bacabal também é marcada pela presença de blocos de reggae no carnaval da cidade. O bloco Estação do Reggae surgiu a partir da vontade de retomar um bloco de carnaval exclusivo de reggae, tal como era o bloco Tipo Reggae. Para atender aos anseios do público, Edmarley aderiu à sugestão dos regueiros de fundar o bloco "Estação do Reggae" em 2003, com aproximadamente 400 componentes, lançando parceria com a Prefeitura Municipal de Bacabal, através da Secretaria Municipal de Cultura. O bloco conquistou

premiações e troféus, como, por exemplo, o de segundo, terceiro e quarto lugares no carnaval da cidade, mostrando a força da tribo regueira.

Em 2008, o bloco saiu na avenida com 800 componentes e ficou em segundo lugar. O público foi reduzindo para 700, depois 400 e na última apresentação o bloco contou com 450 componentes.

Por dois anos, mais precisamente nos anos de 2018 e 2019, os seus brincantes não conseguiram colocar o bloco na rua, devido à falta de apoio financeiro. Segundo informações do presidente do bloco, Edmarley, a falta de apoio e de suporte do poder público municipal inviabilizou a saída do bloco, pois o mesmo contava com os grupos de dança Rastafaray da capital São Luís, Grupo Estação do Reggae Mirim, Discípulos do Reggae, Cobra Jah e África Reggae.

O bloco tem 15 anos de existência, 13 anos de avenida, mas devido às circunstâncias financeiras e à falta de incentivo, não participou por dois anos do carnaval de Bacabal.

O desfile do bloco pelas ruas da cidade era o momento de maior visibilidade da tribo regueira. As pessoas, que não faziam parte do bloco, incentivavam o desfile do reggae, pois ele trazia diversidade à festa. Por sua vez, a prefeitura não tem apoiado a manifestação que levava a tribo regueira para a avenida.

### **3.5 Grupos de reggae roots**

Atualmente, na cidade de Bacabal, há vários grupos de reggae roots, que vieram a se formar depois dos encontros entre amigos realizados em bares da cidade. Com o avanço tecnológico, em especial, o surgimento do aplicativo WhatsApp, propiciou-se a criação do grupo Resenha Roots, levando a amizade entre os participantes a estender-se para além da virtualidade, tornando frequente os reencontros para comemorações e festas.

O grupo Resenha Roots é o pioneiro do movimento reggae roots na cidade de Bacabal com 130 componentes e tem como diretores Edmarley, Josafá, Serginho Black, Antonio de Nanor e Jackson. Possui regras estabelecidas pelos membros em assembleia.

O grupo Amigos Reggae Roots conta com 25 componentes, tendo como diretores: Dona Lília, Rose e Nina.

O Grupo Bandeira Livre Roots conta com 70 componentes e é dirigido pela Professora Edina, Elida e Eleise.

O grupo Nação Roots possui 100 componentes e tem como diretores: Albert Grife, Nerinha, Samara e Raquel.

O grupo Bandeira Livre Roots tem como diretores Emilson e Edna. Sua festa de lançamento aconteceu no dia 04 de novembro 2018, com a animação da radiola Mega Wander, na AABB, (Associação Atlética Banco do Brasil), clube localizado no centro de Bacabal. Participaram do evento vários grupos de reggae, que também contribuíram para sua realização, incentivando o crescimento da tribo regueira.

O grupo Nação Roots é um dos mais novos grupos de reggae de Bacabal. Ele é administrado por Alberto Cardoso Filho, mais conhecido como Albert Griff, que, junto aos demais componentes, fizeram o lançamento do grupo em 23 de agosto de 2019. O evento de lançamento do grupo foi realizado na Casa de Eventos Bacabal Chopp, no centro de Bacabal.

O grupo Amigos do Reggae Roots tem 25 componentes sob a direção de Dona Lília, Rose e Nina. No dia 22 de janeiro foi realizada a festa em comemoração aos 02 anos de fundação do grupo na rua da Areia, bairro da Areia. Dispõe ainda de local de encontro e sede do grupo o Comercial e Bar Mini Box, mais conhecido como Bar de Dona Lílian.

Uma boa parte do público que adere ao movimento reggae acaba tornando-se disco-jóquei (DJ). Assim com o conhecimento adquirido como ouvinte de reggae, com o tempo passam a dividir suas experiências e habilidades com os demais colegas inserindo novas músicas, mescladas aos novos hits do momento, dando uma nova roupagem ao movimento reggae de raiz.

Desse modo, tais grupos aproveitam para organizar eventos de reggae, sobretudo em feriados nacionais e locais e datas festivas. Durante o ano, portanto, ocorrem vários eventos realizados com diversos produtores da cidade.

De início, temos a festa de carnaval no estilo reggae roots. Em seguida, a festa em comemoração ao dia das mães, há muito tempo realizada pelo DJ e

produtor de eventos Edmarley. No mês de junho (mês dos namorados), acontece o reggae dos namorados, festa realizada pela produtora Cheyla Raquel. Em julho, é a vez do reggae das férias, produzido por Edmarley e, no mês de agosto, a festa dos pais, organizada pelo diretor Josafá, na Associação só Areia, antes feita pelo produtor Assunção Black. Em setembro, o reggae da Independência. O Natal e o Réveillon também são comemorados ao som de reggae: enquanto o Natal é organizado por vários DJ's, a chegada do Ano Novo tem sido realizada pelo DJ Geovane e a radiola Companhia Musical.

Dentre os eventos, destacam-se os aniversários dos grupos de reggae roots existentes na cidade, em especial o grupo Resenha Roots, no dia 15 de setembro.

### **3.6 Resenha Roots**

A equipe Resenha Roots surgiu da necessidade de utilização do repertório de música reggae roots de um dos presidentes do grupo, Edmarley, que desde os anos 80 é colecionador, um dos maiores conhecedores do ritmo no Maranhão e em Bacabal. Possui um acervo com mais de 30 mil músicas, incluindo as músicas consideradas clássicas.

Após o fechamento das primeiras casas de shows de reggae, os amantes da música de Jah ficaram sem opção na cidade para curtir uma festa de reggae. Isso levou Edmarley à brilhante ideia de marcar festas em locais pré-determinados nas “casas dos amigos”. Em um desses encontros, Serginho Black, integrante da tribo regueira, sugeriu a criação de um grupo para a divulgação do movimento reggae. Assim surgiu o grupo Resenha Roots no ano de 2014. Depois de seis anos de criação, o grupo já conta com 130 participantes.

A tribo regueira de Bacabal preserva a união, a valorização do indivíduo, a divulgação do movimento reggae, mantendo a diversão nos finais de semana com foco na valorização da cultura aceita pela maioria dos bacabalenses.

A socialização entre os componentes faz parte das atividades da tribo. Seus integrantes buscam estarem-juntos, confraternizando-se: são eles pessoas de

diferentes classes sociais, ocupações e rotinas, que têm como único elemento de ligação o reggae. É a partir do reggae que eles criam vínculos sociais.

O grupo Resenha Roots parte do princípio da união entre os componentes. Assim foram elaboradas 20 regras do grupo, que devem ser de conhecimento dos participantes a partir do momento em que aceitam fazer parte dele. São elas:

1º-artigo: O grupo foi criado para interagir, trocar informações relacionadas ao movimento reggae roots, eventos, encontros do grupo, festas, etc.

2º-artigo: O integrante quando passar de duas a três semana sem interagir, será notificado pelos administradores, diretores e coordenadores, e continuando a sua ausência sem justificção plausível, será suspenso por 15 dias, e avaliado posteriormente, passivo à remoção.

3º-artigo: É proibido e passivo a remoção, se houver comentários sobre a vida particular dos integrantes do grupo.

4º-artigo: Fica proibido, conversas estendidas que não sejam relacionadas ao movimento reggae de forma em geral.

5º-artigo: É proibido postagens de vídeos pornográficos ou conteúdos similares.

6º-artigo: Não é permitida discriminação ou manifestação preconceituosa por causa da religião, raça, gênero, política, opção sexual etc.

7º-artigo: É proibido a postagem de conteúdos relacionados ao futebol, como: vídeos, gifs, fotos, comentários, etc.

8º-artigo: Todo integrante, ao entrar no grupo, deverá se apresentar aos demais componentes com uma foto atual e deverá manter o seu perfil com sua foto atualizada.

9º-artigo: Não será permitido em hipótese alguma, vídeos, gifs, fotos, comentários, etc. que faça apologia às drogas e ao crime.

10º-artigo: Proibido a divulgação de vídeos, fotos, gifs, sobre mortes violentas, assassinatos, acidentes, violência contra crianças, idosos, etc.

11º-artigo: Os eventos da equipe resenha roots irão acontecer mediante agendamento com a diretoria ou organizado pela mesma.

12º-artigo: Haverá advertência àqueles componentes que não participarem de até três eventos organizados pelo grupo ou que o grupo seja convidado, sem justificção plausível.

13º-artigo: É obrigatório o uso da camisa do grupo em todos os encontros, pois a identificação é necessária, bem como nos eventos em que o grupo for convidado. Obs.: haverá eventos em que não será necessário o uso das camisas, isso dependerá da diretoria.

14º-artigo: em caso de infração a algum desses artigos, qualquer componente tem o total direito de informar aos diretores e coordenadores para que as medidas possam ser tomadas imediatamente.

15º-artigo: não será permitido outro tipo de músicas que não seja o reggae.

16º-artigo: fica proibida a invasão dos privados dos componentes sem a autorização do mesmo (a).

17º-artigo: Em relação à saída do componente do grupo sem uma justificção plausível, o seu retorno será avaliado pelos diretores e coordenadores.

18º-artigo: não será permitido que (o) ou (a) fumante, fume nos locais fechados onde estiver havendo encontro do grupo, podendo se retirar para fumar e voltar ao ambiente normalmente.

19º-artigo: o horário sempre terá início exato para começar, e as contribuições serão no padrão da equipe resenha roots, 20,00 R\$ para o

casal e 10,00 R\$ para o solteiro, e todos os resenheiros e resenheiras serão responsáveis pelos seus convidados (a).

20º-artigo: para um bom desempenho, trabalho, união e fortalecimento do grupo equipe resenha roots, pedimos a compreensão de todos os resenheiros, resenheiras, coordenadores e diretores, o respeito e a obediência dos artigos de nossas regras, assim sendo, seremos unidos e mais fortes em divulgar o nosso movimento reggae roots<sup>17</sup>.

A direção do grupo, no intuito de zelar pelo respeito e comprometimento de todos os membros, redigiu e aprovou em reunião simbólica, essas regras a serem cumpridas pelos seus membros. Elas tratam da interação, informação, proibição, permissão, divulgação, advertência, obrigatoriedade, infração e divulgação de eventos relacionados ao movimento roots.

Em uma tribo sempre se preza o bom convívio de todos, para tanto, o grupo tem por finalidade manter a interação entre os membros da tribo e a troca constante de informações relacionadas aos eventos em Bacabal e cidades vizinhas.

As normas de convivência do grupo partem do cumprimento e demonstração real da finalidade do participante com as mesmas, uma vez que se o mesmo chegar a ausentar-se de eventos consecutivos está passivo a suspensão, podendo ser punido com afastamento. Sua entrada novamente será avaliada, uma vez que a justificativa de ausência é de extrema relevância para a continuidade no grupo. Essa questão também faz pensar se isso não se trata de uma defesa da tribo, que, como afirma Maffesoli (2018), não são estáveis, são efêmeras: seus participantes mudam de uma tribo para outra com certa facilidade. Mudam de tribo, mas o fenômeno do “grupismo” em nosso tempo contemporâneo perdura e se estabiliza.

Podemos dizer que o foco principal do grupo de Whats do Resenha Roots é trazer assuntos de interesse para os participantes e, claro, promover as festas e os encontros.

A tribo mantém a ordem e o bem estar de todos, não permitindo postagens com outras finalidades a não ser do movimento reggae. Não é permitido a discriminação por religião, cor ou raça, afinidade política ou orientação sexual, respeitando a escolha dos membros do grupo. Essa regra de evitar a discriminação

---

<sup>17</sup> Tais regras nos foram passadas por Edmarley.

por afinidade política para evitar certas tensões no grupo ressalta, a nossa ver, uma das características presentes nas tribos contemporâneas, qual seja, além da saturação do individualismo, a saturação da forma política. Nesse sentido, aponta Maffesoli (2018, p. 134-135):

Não podemos deixar de assinalar a eflorescência e a eferescência do neotribalismo que, sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente.

Assim, temos em Bacabal um grupo de 130 participantes, das mais diferentes concepções ideológicas, que se dá ao luxo de não discutir política, apesar da cidade ter duas oligarquias que se revezam no poder, ou seja, de não ter tido uma experiência democrática de fato. Isso demonstra, tal como escreve Maffesoli (2018), uma característica das tribos contemporâneas, qual seja: a recusa de reconhecer-se em qualquer projeto político, tendo como única razão viver o presente coletivamente.

Nas regras o uso de drogas ilícitas não é permitido, e nem fumar no ambiente onde o grupo encontra-se reunido, devido à preservação da saúde dos seus participantes e também em respeito ao local onde está sendo realizado evento. Isso é interessante para desfazer a imagem de que, nas festas de reggae, as pessoas consomem drogas livremente, especialmente a maconha.

No tocante à participação nas festas, espera-se que os membros estejam devidamente caracterizados com as camisas personalizadas, com exceção dos dias em que não houver a obrigatoriedade do uso. Além disso, não é permitido outro tipo de música que não seja o reggae. Os eventos realizados têm horário pré-estabelecido, contribuições acordadas entre os participantes e divisão dos custos. Manter a ordem e preservar a integridade dos membros é prioridade nos encontros.

Os eventos realizados pela tribo regueira Resenha Roots têm sua marca registrada pela organização, e geralmente ocorrem na AABB, de Bacabal, onde fazem exibição de símbolos ligados ao gênero musical, bem como a imagem do grande patriarca do reggae mundial, Bob Marley. Tudo isso estampado com as cores do movimento reggae (preto, vermelho, amarelo e verde). Há, portanto, uma padronização do espaço para aconchegar os frequentadores, com destaque para os

componentes do grupo, bem caracterizados, fazendo uso de camisas e adereços confeccionados especialmente para eles.

Outro importante acontecimento é o aniversário do grupo, pois conta com a participação de convidados e do público que gosta de curtir e dançar um bom reggae. Os convidados são pessoas ligadas ao movimento reggae roots: a maioria ligada a grupos recém-criados tanto em Bacabal como em cidades vizinhas, como é o caso do grupo de reggae Amantes do Reggae Roots da cidade de Pedreiras (MA). Durante a festa os membros do Resenha Roots dispõem de uma grande mesa, especialmente destinada a eles, simbolizando a existência de uma sólida união, caracterizando assim, que estão inseridos no seio de uma família cujos interesses e afinidades são compartilhados livremente. O espaço reservado à dança logo se enche mediante sua liberação.

Resenha Roots é um grupo voltado ao movimento reggae de raiz, defendendo sempre a “bandeira” da união e dos valores culturais, resgatando em meio a tantos novos ritmos, o reggae. O foco principal da tribo nos eventos é o roots, esse que atravessa anos e ainda se renova na atualidade.

Apesar de existir discriminação, o movimento reggae em Bacabal continua fortalecido, prevalecendo a afinidade musical e cultural entre os adeptos do ritmo, capaz de desfazer barreiras ideológicas, políticas e até econômicas, pois os ouvintes do reggae roots são pessoas pertencentes às mais variadas classes sociais e frequentadores assíduos das festas e dos encontros promovidos pelo grupo, demonstrando entusiasmo, respeito, aceitação.

## 4 CONCLUSÃO

O reggae surgiu na Jamaica e alcançou todos os continentes. No início, sofreu bastante discriminação por ser parte de uma cultura oriunda do gueto, das favelas, de populações negras etc. Hoje, sabe-se que a música de Bob Marley, Peter Tosh e Jimmy Cliff, conquistou o mundo através dos discos, shows e festivais, influenciando então de forma irreversível a música contemporânea.

A chegada do reggae ao Brasil se deu na década de 70. No Maranhão, apesar de várias teses a respeito de como se deu a chegada na ilha maranhense, o ritmo foi bem aceito, inclusive rendendo ao Estado o apelido de “Jamaica Brasileira”. Em Bacabal, o ritmo apareceu em meados da década de 80 e foi alavancado pelo extinto evento EXPOABA, que era realizado anualmente na cidade, e, também, por DJ's clubes, grupos de dança, radiolas, bares, blocos de carnaval, projetos e programas de tevê e rádio.

Atualmente, Bacabal é considerada como ponto de referência quando se fala em movimento reggae roots, uma vez que, seu principal influenciador, Edmarley, mantém forte ligação com vários artistas maranhenses e internacionais.

Todavia, nem sempre foi assim. Os estigmas em torno das festas de reggae e dos regueiros, que continuam existindo, atrapalharam a expansão do ritmo na cidade. As confusões, brigas e o uso de drogas eram atribuídos aos frequentadores das festas de reggae. Assim os amantes do reggae eram inibidos de demonstrar o seu amor pela música jamaicana. Tinham, pois, que manipular sua identidade: esconder as cores, os adereços e os discos do reggae, porque senão eram taxados de canalhas, maconheiros, marginais, patifes etc.

Contudo, uma grande transformação aconteceu com o estabelecimento da tribo regueira na cidade. A união dos amantes do reggae fez a força, e, em vez de ficarem inibidos a assumir o seu gosto musical, eles agora inibem quem reforçava, e reforça, os estigmas em torno do reggae. Enquanto o regueiro não tinha o amparo do grupo, os estigmas criados pelos seus detratores lhes faziam sombra, impedindo até que ele fosse ao mercado com uma camisa que tivesse a imagem de Bob Marley. Portanto, após a consolidação do grupo, os regueiros anularam os

estigmas que lhes eram dedicados. E isso acontece especialmente quando a tribo regueira está reunida.

Assim o reggae ocupa diversos espaços sociais na cidade. Sua tribo está reunida semanalmente, colorindo a paisagem urbana com outras cores, trazendo outro ritmo para a acústica da cidade, tão saturada de sertanejo, ou das gravadoras que pagam “jabá” para as emissoras de rádio e televisão. Edmarley assim conseguiu abrir as portas para o reggae na cidade, mas ele não foi único.

A tribo regueira não é a única tribo da cidade. Existem a dos skatistas, a dos roqueiros, a dos ciclistas etc. Mas podemos dizer que, em torno de um ritmo musical, só o reggae teve esse poder aglutinador na cidade de Bacabal.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W, e, HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. [Tradução Guido Antônio de Almeida]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ALBUQUERQUE, Carlos. O **eterno verão do reggae**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural**. São Luís: Pitomba!, 2016.
- BRASIL, Marcus Ramúsy de Almeida, São Luís, a Jamaica brasileira: O reggae no Maranhão: sociologia da cultura e produção simbólica. **Aurora – Revista de Arte, Mídia e Política**, n 12, 2011.
- CALIFORNIA roots music and arts festival. **Wikipedia**. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/California\\_Roots\\_Music\\_and\\_Arts\\_Festival](https://en.wikipedia.org/wiki/California_Roots_Music_and_Arts_Festival). Acesso em: 09/11/2020.
- GOFFMAN, ERVING. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. [Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes]. 4 edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. [Tradução Maria de Lourdes Menezes]. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.
- FESTIVAL Usina Summer Sessions trará o melhor do reggae nacional para Curitiba. **Bem Paraná**. Disponível em: <https://barulhocuritiba.bemparana.com.br/post/festival-usina-summer-sessions-trara-o-melhor-do-reggae-nacional-para-curitiba#.X9FlythKjIU> . Acesso em: 10/11/2020.
- FREIRE, Karla Cristina Ferro. **Que reggae é esse que jamaicanizou a Atenas brasileira?** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2010.
- JAHMAN. Maranhão Roots Reggae Festival. História do reggae brasileiro. **Blog com histórias, biografias e fotos dos maiores artistas do reggae brasileiro**. Disponível em: <http://reggaebrasilhistoria.blogspot.com/2017/07/maranhao-roots-reggae-festival.html>. Acesso em 10/11/2020.
- REGGAE Sumfest. **Wikipedia**. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Reggae\\_Sumfest](https://en.wikipedia.org/wiki/Reggae_Sumfest) . Acesso: 09/11/2020.
- REPÚBLICA do Reggae 3! O maior festival de reggae da Bahia! Surfreggae. Disponível em: <http://www.surfreggae.com/noticias.asp?ID=1195> . Acesso em: 10/11/2020.
- ROTOTOM SUNSPLASH. **Wikipedia**. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Rototom\\_Sunsplash](https://en.wikipedia.org/wiki/Rototom_Sunsplash). Acesso em: 24/07/2020
- SUMMERJAM. **Wikipedia**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Summerjam>. Acesso em: 09/11/2020.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- \_\_\_\_\_, e STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil**: uma biografia. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SAHD, Fábio Bacila, e BRAGA NETO, Edgar. **Defensor comunitário**: conhecendo para garantir direitos para uma vida digna. EDUFMA: São Luís, 2020.

## ANEXOS



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAHlcw0AXW7/?igshid=1wzcnv8pnwr4a>. Acesso em: 24/07/2020



(Clube Carço)



(Choperia Mega Wander)



(Princesa do Reggae)

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1376124799333409&set=pb.100008077052831.-2207520000..&type=3>



(Musical Mega Wander)



(Companhia Musical)



<https://www.facebook.com/photo?fbid=113404990391982&set=a.113405023725312>



<https://www.facebook.com/Grupo-Bandeira-Livre-Roots-1941395172824040/>



<https://www.facebook.com/alberto.raimundocardosofilho>



(Amigos do Reggae Roots)



(bolo em comemoração do 2º aniversário do grupo)



<http://marcelo-aragao.blogspot.com/2012/08/vem-ai-xiv-expoaba-de-bacabal.html>



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAHlcw0AXW7/?igshid=1wzcnv8pnwr4a>. Acesso em: 24/07/2020



<http://zelopesbacabal.blogspot.com/2014/08/expoaba-entra-para-lista-do-bacabal-ja.html>



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1376129622666260&set=pb.100008077052831.-2207520000..&type=3>



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1376129432666279&set=pb.100008077052831.-2207520000..&type=3>

**TODAS AS SEXTAS FEIRAS**  
**A PARTIR DAS 21 HORAS**

**O MELHOR DO**  
**REGGAE**  
**ROOTS**

**EQUIPE RESENHA ROOTS**

**Local: Beira Rio**  
**BACABAL - MA**  
**PROX. AOS CORREIOS**

**PORTARIA LIBERADA**

**APOIO:**

**MOURA**  
**CONTABILIDADE**

No comando da Sequência  
**DJ EDMARLEY**  
**O PAPA DA EQUIPE RESENHA ROOTS**





(Dj Edmarley)

**02**  
**Fevereiro**  
**Dom**  
**14**  
**Hrs**

**CARNA**  
**Roots**

**SE LIGA**

**1ª**  
**prévia de**  
**Carnaval**

**EQUIPE RESENHA ROOTS**

**COM OS MELHORES DJ'S DE REGGAE ROOTS DIGITAL DA REGIÃO**

**ASSOCIAÇÃO**  
**SÓ**  
**AREIA**

**COLABORAÇÃO**  
**APENAS**  
**R\$10,00**

**REGADO**  
**A MUITO**  
**CALDO**

**SONORIZAÇÃO**  
**PRINCESA**  
**DO**  
**REGGAE**



(Djs da Equipe Resenha Roots)